



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 22/04/16

<b>GLOBAL</b> .....	<b>2</b>
Críticas a informe que promueve la disminución del consumo de carnes para preservar el medio ambiente.....	2
Consumo mundial de carnes mermó el año pasado en naciones desarrolladas.....	2
<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Sequía está complicando el mercado ganadero.....	2
ABIEC: Mercado de ESTADOS UNIDOS se abrirá en el segundo semestre de 2016.....	2
Trazabilidad – Instrumentan nuevo forma de identificación del ganado bovino (SISBOV).....	3
Producción de carne aumentó un 45% entre 2000 y 2015.....	3
Organismo del estado de Mato Grosso analiza dejar de vacunar contra la fiebre aftosa.....	4
<b>URUGUAY</b> .....	<b>4</b>
Mercado local de haciendas distorsionado por las lluvias.....	4
Estados Unidos detectó nuevos casos de carne uruguaya con plaguicida Aplilca cada vez controles analíticos más severos.....	5
Uruguay tiene precio más bajo de novillos en la región Por primera vez en un año novillo brasileño cotiza más alto.....	6
Sigue exportación de carne a EE.UU. Ordenado retiro de los productos con Ethion.....	6
Exportaciones de carne a EEUU tienden a normalizarse, se mantiene expectativa de que se aceleren la semana próxima.....	7
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>8</b>
Paraguay gestiona ampliación de cupo Hilton a Europa.....	8
La falta de ganado para sacrificio puede afectar a la producción cárnica paraguaya.....	8
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>8</b>
CHINA podría importar carnes bovinas a partir de este año. Auditoría en IRLANDA.....	8
Delegación comunitaria visita China y Japón para promover el comercio.....	9
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>10</b>
Existencias ganaderas crecerían respecto del año pasado.....	10
<b>AUSTRALIA</b> .....	<b>10</b>
Australia ha exportado 17% menos de carne vacuna a marzo de 2016.....	10
Fuerte aumento de los embarques de menudencias hacia INDONESIA.....	11
Indicadores de precios en baja: menor demanda de Estados Unidos y apreciación de la divisa inciden en el mercado.....	11
Proyección para 2016: baja en oferta ganadera y en exportaciones respecto del año pasado.....	12
Promueven innovación tecnológica en la industria frigorífica.....	12
<b>VARIOS</b> .....	<b>12</b>
CHILE autoriza el ingreso de carne bovina colombiana tras seis años de gestiones.....	12
NUEVA ZELANDIA: devaluación no compensa la caída de los precios de las carnes bovinas.....	13
CHINA aceptó abrir carnes frescas para NUEVA ZELANDIA.....	13
INDIA ve gran potencial en las exportaciones hacia INDONESIA.....	14
Experta en nutrición: No se discute: comer carne es bueno.....	14
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>15</b>
BRF finalizó la compra de empresa argentina Campo Austral.....	15
AUSTRALIA: capitales chinos compran por US\$ 288 millones la mayor criadora de ganado bovino del país. Transacción debe ser sometida a aprobación.....	15
NUEVA ZELANDIA: firman acuerdo comercial que potenciaría ventas de carnes bovinas de Alliance Group en CHINA.....	16



## **GLOBAL**

### **Críticas a informe que promove a diminuição do consumo de carnes para preservar o meio ambiente**

21 April 2016 GLOBAL - A new report from the World Resources Institute has urged consumers to reduce their consumption of meat and dairy products to help the environment, but the meat industry has hit back by saying the report is inaccurate and flawed.

The report, 'Shifting Diets for a Sustainable Food Future', singled out beef as the biggest target for reduction in diets. It said that vegetarian and vegan diets were the best for the environment, but even a small shift from beef to chicken or fish would cut environmental impacts such as greenhouse gas emission. The WRI also targeted American diets, accusing average American males of eating almost double their protein requirement.

However, the North American Meat Institute said that the data used in compiling the report was flawed. NAMI said the report relies on utilisation data, which are simply a measure of the amount of protein produced and moved through channels divided by the population, but this fails to take into account food waste or other uses such as pet food.

NAMI said that more accurate data are available from various US bodies, which suggest Americans are hitting protein targets on average, although some do over- or under-consume. In addition, NAMI charged WRI with failing to consider the nutrient-density and health benefits of meat protein, as well as failing to recognise efficiency improvements in some areas of livestock rearing

### **Consumo mundial de carnes mermó el año pasado en naciones desarrolladas**

TheCattleSite News Desk – 21 April 2016 - New figures released by Euromonitor International, a UK based market research firm, show that global meat consumption grew by 2 per cent in volume in 2015 compared to 2014 figures, writes Eoin McCarthy. Although meat consumption recorded a year on year increase, Euromonitor International figures indicate that beef and veal consumption declined in most parts of the developed world last year. In the United States beef and veal consumption declined by 249.6 tonnes (t) or 3 per cent in 2015 compared to 2014 figures. In western Europe, meat and beef and veal declined by 0.3 per cent and 1 per cent that's according to Anastasia Alieva, head of fresh food research at Euromonitor International.

"Demand for meat has been driven by emerging markets where increased prosperity and rising populations resulted in a growing consumption of relatively expensive meat," Anastasia Alieva said. Red Meat Health Fears Anastasia Alieva also claimed that one of the reasons for the decline in beef and veal consumption across Europe could be linked to mounting health concerns linking red meat to cardiovascular disorders and colon cancer.

In October 2015, World Health Organisation highlighted these concerns by announcing that bacon, sausage and other processed meats cause cancer and that red meat probably does, too.

The WHO came to this conclusion after a panel of 22 international experts reviewed decades of research on the link between red meat, processed meats and cancer.

Despite the findings, organisations like the North American Meat Institute said the classification "defied common sense" and pointed to the numerous other activities declared by the organisation to cause cancer, such as sitting near a sun-filled window or doing shift work.

## **BRASIL**

### **Sequía está complicando el mercado ganadero**

Sexta-feira, 22 de abril de 2016 - Pressão de baixa no mercado do boi gordo, embora menos intensa do que na última semana. A especulação diminuiu.

Devido à falta de chuvas na maioria das regiões do país, a oferta vem aumentando gradativamente.

Das trinta e uma praças pesquisadas pela Scot Consultoria, houve desvalorização da arroba do boi gordo em treze praças na última quarta-feira (20/4).

O escoamento fraco de carne com osso no atacado fez com que os preços recuassem novamente.

O boi casado de animais castrados apresentou queda e ficou cotado em R\$9,47/kg, uma queda de 4,6% desde o início do mês.

### **ABIEC: Mercado de ESTADOS UNIDOS se abrirá en el segundo semestre de 2016**

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO20 de abril de 2016 Esta é a perspectiva do presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antônio Camardelli



As exportações de carne bovina brasileira in natura para os Estados Unidos serão abertas este ano, provavelmente no segundo semestre. Esta é a perspectiva do presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antônio Jorge Camardelli, em entrevista ao Broadcast Agro, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado. Camardelli participou, na manhã desta quarta-feira, 20, do evento "Desafios e novos caminhos para o zebu", na Sociedade Rural Brasileira (SRB), em São Paulo.

"Vai abrir, e vai abrir mesmo", reforçou Camardelli, acrescentando que alguns detalhes de "sintonia fina" estão sendo acertados. "Falta finalizar algumas certificações sanitárias e também uma visita mútua - eles têm de vir para cá e nós para lá para discutir algumas equivalências", declarou, acrescentando que ainda não há data definida ainda para essas visitas ocorrerem.

A turbulência política e econômica que o País vem enfrentando nos últimos meses não tem influenciado no andamento do processo, garantiu o executivo, reforçando que o que se está discutindo são apenas questões sanitárias. O lobby dos pecuaristas dos Estados Unidos, contrários à compra de carne bovina brasileira, já foi neutralizado, garantiu. "Em primeiro lugar, porque os Estados Unidos precisam da nossa carne", disse. "E, com todo o respeito à linha política e ao lobby profissional, que é reconhecido nos EUA, o Brasil já superou todas as fases, não pode haver mais argumentos contrários, já que tecnicamente nós já cumprimos todas as exigências."

Camardelli destacou também que, comercialmente, chega a ser mais vantajoso para os produtores norte-americanos um acordo entre EUA e Brasil no segmento de carne bovina in natura. "Eles vão vender picanha para nós e nós vamos exportar carne magra do dianteiro - mais barata - para o hambúrguer deles", disse. A grande vantagem para o Brasil, comentou, é o acesso aos países do Nafta - Canadá e México - após os primeiros embarques para os EUA e também a possibilidade de acessar mercados nobres, como Japão e Coreia do Sul, bastante exigentes em questões sanitárias.

Ministério da Agricultura - Indagado sobre o perfil que teria de ter um novo ministro da Agricultura, na eventualidade de o vice-presidente, Michel Temer, assumir a Presidência da República - caso o Senado admita o processo de impeachment de Dilma Rousseff -, Camardelli preferiu não se pronunciar. "Nossa orientação é trabalhar com quem estiver lá, com quem o governo determinar", disse. "Em temas políticos a orientação que eu tenho dos associados é não me manifestar, porque de fato trabalhamos com produção e o nosso negócio é trabalhar e ganhar dinheiro", finalizou.

### **Trazabilidad – Instrumentan nuevo forma de identificación del ganado bovino (SISBOV)**

20/04/2016 Animais poderão ter brinco, botão e marca a fogo ao mesmo tempo

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) aprovou uma nova forma de identificação de bovinos e bubalinos junto ao Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Bovinos e Bubalinos (SISBOV). A portaria foi publicada no Diário Oficial da União desta quarta-feira (20).

A Instrução Normativa nº 17, de 2006, já previa a marca a fogo junto com um brinco auricular como uma das formas de identificação, assim como o brinco auricular numa orelha e um botão na outra orelha.

Pela nova forma aprovada pelo Mapa, o animal pode usar conjuntamente a marca a ferro, o brinco numa orelha e o botão na outra orelha. A marca a ferro deverá ser feita em uma das pernas traseiras, na região abaixo de uma linha imaginária que liga as articulações das patas dianteira e traseira.

"O uso das três formas partiu de consulta de uma propriedade rural e não vimos restrição", disse o coordenador de Monitoramento Estratégico, Alexandre Bastos.

O SISBOV é utilizado para a identificação individual de bovinos e bubalinos em propriedades que têm interesse em vender animais para o abate.

### **Producción de carne aumentó un 45% entre 2000 y 2015**

22/04/16 - por Equipe BeefPoint Estudos revelam que, no período de 2000 a 2015, a produção de carne teve incremento de 45%, enquanto o rebanho bovino de corte cresceu 25% no Brasil. O País tem cerca de 214 milhões de cabeças de gado, o maior rebanho comercial bovino do mundo. Em 2015, a produção foi de 9,2 milhões de toneladas de carne.

Análise da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) mostra que o principal fator para o aumento da produção foram os ganhos de rendimento, decorrentes dos resultados da modernização da pecuária brasileira, considerada competitiva e sustentável.

Para o coordenador-geral para Assuntos da Pecuária da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, João Salomão, a utilização de genética avançada, manejo de pastagem e a qualificação do pecuarista brasileiro foram os grandes responsáveis pelos ganhos do setor. Estão sendo abatidos animais mais pesados e precoces.



## **Organismo del estado de Mato Grosso analiza dejar de vacunar contra la fiebre aftosa**

Fonte: 24 Horas News, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/04/16 Representantes do Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea-MT) participaram da 43a Reunião Ordinária da Comissão Sul-Americana para a Luta Contra a Febre Aftosa (Cosalfa 43), que aconteceu em Punta Del Este, no Uruguai. O encontro tem intuito de retirar as doses que previnem a Febre Aftosa na América do Sul.

De acordo com o presidente do Indea, Guilherme Nolasco, no evento foi apresentado o panorama dos cinco anos de execução da última fase do Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (Phefa), cujo objetivo é exterminar a doença até 2020. Além disso, deve entrar em discussão o banco de imunização de Mato Grosso, que deverá ser utilizado frente a um eventual foco.

Na avaliação de Nolasco, retirar a imunização das mais de 29 milhões de cabeças de gado não representa nenhum risco para os animais, já que a região Centro-Oeste completa, em 2016, 20 anos sem registro da febre aftosa.

Ele disse que foi apresentado um manual com os procedimentos que devem preceder a retirada da vacinação até em 2020. Caso seja firmado o acordo, os produtores mato-grossenses passarão a economizar mais de R\$ 120 milhões ao ano com as doses. Para atingir esse objetivo, o Estado terá que assumir uma responsabilidade maior no setor produtivo, já que tira do produtor o dever de vacinar.

Apesar das incertezas, Nolasco acredita que o fim da vacinação poderá favorecer o estado e ajudar a conquistar novos mercados.

## **URUGUAY**

### **Mercado local de haciendas distorsionado por las lluvias**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Abril 22, Se enciende una luz amarilla al detectarse nuevos casos de carne con plaguicida enviada a EEUU

El mercado del ganado gordo se encuentra paralizado. Las lluvias han distorsionado la actividad. Las cargas se han dificultado y el estado de los animales se ha resentido, en tanto la industria sigue proponiendo valores que no convencen a la oferta. Algunas plantas han suspendido o corrido faenas ante la imposibilidad de juntar la cantidad de animales necesaria.

Los valores que se proponen van de US\$ 2,60 a US\$ 2,70 por kilo de novillo en cuarta balanza. "En US\$ 2,60 no he realizado negocios, pero sí en US\$ 2,70", comentó un operador. En vacas, los precios van de US\$ 2,30 a US\$ 2,40. "Alguna vaca pesada puede lograr algún centavo más", agregó, pero dijo que todo depende de lo que se pueda cargar.

Otro operador de la zona este comentó que la industria no presiona, con una faena que la semana pasada volvió a estar por debajo de las 40 mil reses. "Esto va a llevar a que se formen cuellos de botella cuando aparezca la oferta", acotó.

Las precipitaciones perjudicaron el estado corporal de los animales, por lo que cuando aparezcan los primeros fríos se presionará más a la oferta. Reconoció que la llegada de las cuadrillas kosher—estimada para después de la primera quincena de mayo— es lo que presionará en demanda, pero dijo que "no es lo mismo" arrancar desde US\$ 3 que de US\$ 2,60".

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) redujo fuerte la referencia promedio para el novillo gordo en su planilla publicada el lunes pasado. La bajó 10 centavos hasta US\$ 2,72 por kilo, el menor promedio desde junio de 2010. El precio de referencia de la vaca gorda fue corregido a la baja en siete centavos hasta US\$ 2,41. La vaquillona gorda bajó ocho centavos hasta US\$ 2,59.

Contrariamente, en ovinos el mercado se mantiene firme ante la poca oferta y reducida actividad. El precio medio del cordero pesado subió dos centavos hasta US\$ 3,23 y uno el del capón a US\$ 2,96. El resto de las categorías permanecieron incambiadas: cordero y borrego en US\$ 3,20 y oveja en US\$ 2,95.

La semana pasada se faenaron 36.797 vacunos, 6% menos que en la anterior y 27% menos en la comparación interanual. Fueron 18.861 las vacas faenadas, 24% menos que en la semana equivalente de 2015, y 17.021 los novillos, 30% menos. Frigorífico Carrasco y el Colonia no faenaron.

La faena de ovinos fue muy baja y solo cinco plantas estuvieron en actividad. Se faenaron 3.259 ovinos, 23% menos que una semana antes y 67% por debajo del nivel de un año atrás. El 42% se compuso por ovejas, que totalizaron 1.355 cabezas (47% en la comparación interanual) y en 37% por corderos al totalizar 1.193 cabezas, 77% menos.

Esta semana la atención no estuvo centrada solo en el Conferencia Mundial Hereford (WHC 2016), que comenzó el sábado 16 y en este fin de semana tendrán lugar las giras de post congreso.

En materia de mercados, se detectó más carne con trazas de plaguicidas que fue enviada hacia EEUU. En esta ocasión con el insecticida Diazinon. Diversas fuentes confirmaron a Blasina y Asociados que fue en un embarque realizado por el Frigorífico Colonia. También se supo de otra partida de carne contaminada con etión al mercado estadounidense enviada por Frigoyí.



En materia de mercados, se detectó más carne con trazas de plaguicidas que fue enviada hacia EEUU. En esta ocasión con el insecticida Diazinon. Diversas fuentes confirmaron a Blasina y Asociados que fue en un embarque realizado por el Frigorífico Colonia. También se supo de otra partida de carne contaminada con etión al mercado estadounidense enviada por Frigoyí.

En el ingreso por ventas las noticias fueron positivas. La semana pasada se cortó la racha bajista en el nivel promedio. Con un precio medio semanal de US\$ 3.467 por tonelada de carne vacuna el promedio de las últimas cuatro semanas móviles repuntó a US\$ 3.267. De todas formas, se ubicó 14% abajo en la comparación anual.

En carne ovina el valor medio semanal también subió, llegó a US\$ 4.225 en la semana. Y en cuatro semanas móviles promedió US\$ 3.608, referencia 13% inferior.

Por otro lado, en la reposición las lluvias también han trancado la operativa, dijeron consignatarios. Esta semana se llevó a cabo un remate conjunto por parte de Pantalla Uruguay, Lote 21 y Plazarural. Los terneros tuvieron un buen promedio pero ajustaron un poco: US\$ 2,13, con un máximo de US\$ 2,20 y mínimo de US\$ 2,10. Fue un remate especial, en el marco del WHC 2016 (ver página 17). En los últimos remates individuales de cada pantalla el valor medio se ubicó en US\$ 2,20.

### **Estados Unidos detectó nuevos casos de carne uruguaya con plaguicida Aplilca cada vez controles analíticos más severos**

Abril 21, 2016 Son embarques de las empresas Frigoyí y Frigorífico Colonia; estos casos se suman a los seis contenedores que ya fueron rechazados

EE.UU aplica cada vez controles analíticos más severos a las carnes que ingresan a ese país

Nuevos casos de carne vacuna con residuos fueron detectados en Estados Unidos (EEUU), por un lado con el garrapaticida etión, procedente de un embarque del frigorífico Frigoyí y, por otro, el insecticida diazinón en un embarque del Frigorífico Colonia, confirmaron a El Observador fuentes del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) y vinculadas a ambos casos.

Estos casos se suman a los seis contenedores anteriores enviados por los frigoríficos PUL y Tacuarembó, entre noviembre y febrero pasado, rechazados por EEUU.

Tras la aparición de los primeros casos con etión, EEUU está realizando análisis cada vez más exigentes con equipos que permiten detectar trazas por debajo de la capacidad analítica que tiene Uruguay, destacó el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, al ser consultado por el programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

A raíz de estos casos, Uruguay está ahora con una vigilancia permanente en el tema de residuos de agroquímicos en carne, lo que obliga a realizar una revisión muy fuerte sobre la forma de uso de estos productos, destacó Stanham.

Medidas contra plaguicida

Luego de la aparición de los primeros casos, el MGAP prohibió el uso de etión, producto que se usa como garrapaticida en la ganadería.

La aparición con cierta frecuencia de carne embarcada a EEUU con residuos de productos que se usan en la ganadería, como es el caso del garrapaticida etión, obedece fundamentalmente a que hay países que tienen mayor capacidad tecnológica y están en condiciones de ser cada vez más exigentes respecto a la seguridad alimentaria, explicó el presidente de INAC.

Se considera a la inocuidad como uno de los temas principales de conciencia y preocupación, para que el consumidor acceda a un alimento de calidad. En estos casos en que se ha detectado carne uruguaya en EEUU con trazas de etión, se debe a que ese país reforzó los controles de su capacidad analítica. Lo ha hecho con equipamientos y procedimientos mejorados que se han puesto en práctica en los puertos de acceso a ese mercado a partir de abril de 2015.

Es una práctica cada vez más común que será incrementada no solo en EEUU sino también en todos los mercados de punta a los que accede a Uruguay y que son los de mejores precios, alertó el presidente de INAC.

21 de abril de 2016 Nuevo Está confirmado un nuevo caso de carne contaminada rechazada por EEUU en esta ocasión con otro producto, lo que vuelve a complicar las ventas a este mercado.

Diversas fuentes confirmaron a Ganadería.uy la contaminación con el insecticida Diazinon en un embarque realizado por Frigorífico Colonia.

Además se supo de la llegada de otra partida con Ethion enviada por Frigoyí.

Las exportaciones al mercado estadounidense estaban tendiendo a normalizarse, según habían manifestado industriales y brokers sobre comienzo de semana, tras la tranca que había impuesto la detección de Ethion en algunos contenedores enviados por el frigorífico Pul el mes pasado.



### **Uruguay tiene precio más bajo de novillos en la región Por primera vez en un año novillo brasileño cotiza más alto.**

PABLO D. MESTRE17 abr 2016 La fuerte valorización del real, junto con la firmeza de los precios del ganado en Brasil y la brusca queda de las cotizaciones en el mercado local, llevaron a que el precio del novillo en Uruguay se ubique por debajo del promedio de los principales estados exportadores brasileños por primera vez desde fines de abril de 2015.

A su vez, el precio del ganado en Australia se ubica lejos encima del de los países del Mercosur, con un novillo gordo en el eje de los US\$ 4,40 el kilo carcasa, fruto de un fuerte proceso de retención que comenzó a esta altura del año pasado.

De esta manera, el precio de la hacienda en Uruguay se ubica en niveles más bajos que el de sus dos principales competidores, Brasil y Australia.

En Brasil, según Tardáguila Agromercados, el valor medio en los principales estados exportadores aumentó US\$ 0,10 en la última semana, a US\$ 2,73 el kilo carcasa. Desde que comenzó el año el novillo en Brasil recuperó US\$ 0,42 (+18%), en buena medida debido a la valorización de 12% del real.

Mientras tanto, el novillo gordo en Uruguay perdió US\$ 0,48 desde principios de año (-15%), como consecuencia de la debilidad de la demanda. La semana pasada cerró con una referencia de US\$ 2,70 el kilo carcasa, a levantar y con plazo.

Lógicamente, en un país tan extenso como Brasil, se dan situaciones de mercado diversas en las distintas regiones. En algunos casos los precios siguen similares a los de Uruguay (Mato Grosso, Mato Grosso del Sur, Minas Gerais), pero en otros se ubican bien por encima, caso de San Pablo (la principal región demandante de carne vacuna en Brasil), donde se acerca a los US\$ 3,00 el kilo carcasa. Y en el vecino Río Grande del Sur, se superan los US\$ 3,10. Este último Estado es el que más se asemeja a Uruguay desde el punto de vista productivo, dado que tiene mayoría de razas británicas, aunque su perfil es mucho menos exportador que el de la industria uruguaya.

La faena en Uruguay es de unas 10 mil cabezas semanales inferior a la de estas semanas del año pasado. La demanda, al posicionarse en niveles bajos en plena zafra, logra presionar fuerte los precios a la baja. Incluso, para estos días están previstos cierres de algunas plantas de faena, algunas por motivos gremiales pero en otros casos por decisión propia, aprovechando el retiro de los equipos kosher y la escasa disposición compradora.

Vacas.

En el caso de las vacas gordas, las diferencias entre Uruguay y Río Grande del Sur son todavía más abultadas, aunque operadores del mercado manifestaron que por el momento los números son muy justos como para que se consolide una exportación de vacas gordas para los frigoríficos gaúchos.

En Uruguay los frigoríficos compran esta categoría a US\$ 2,30-2,35, en tanto que en Río Grande del Sur al tipo de cambio actual la pagan a un equivalente de US\$ 2,90-3,00. Si sigue avanzando el juicio político a la presidenta Rousseff y el Real continúa apreciándose, es factible que comience a advertirse interés desde la frontera por vacas gordas uruguayas.

Región.

Además hoy las cotizaciones uruguayas se ven superadas por los otros vecinos del Mercosur. El novillo escasea en Argentina, con cotizaciones que se mantienen firmes en pesos argentinos y al alza en dólares. La debilidad de la moneda estadounidense se está reflejando frente a la mayoría de las demás monedas del mundo y las del Mercosur no son la excepción. La cotización del novillo de exportación supera los US\$ 3,35 esta semana. Y la media del novillo en Liniers está a \$ 26,881, o sea US\$ 1,87.

En Paraguay, por su parte, los novillos se pagan entre US\$ 2,50 y US\$ 2,55, dependiendo si cuentan con la habilitación para ser exportados a Chile, y en torno a US\$ 2,80 el novillo UE. Y la vaca cotiza a 2,50 US\$/kilo carcasa. (Fuente: Tardáguila Agromercados).

### **Sigue exportación de carne a EE.UU. Ordenado retiro de los productos con Ethion**

18 abr 2016Pablo Antúnez Monitoreo oficial revela fuerte colaboración de los privados.

Los primeros monitoreos de mercado impulsados por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) están mostrando que los laboratorios elaboradores de específicos veterinarios están retirando en forma normal y ordenada, todos los productos que contienen Ethion, como decidió el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca.

Tras los problemas generados en Estados Unidos por algunos contenedores con carne bovina uruguaya exportados hacia ese mercado conteniendo trazas de Ethion, producto prohibido en ese país, el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca emitió un decreto estableciendo el retiro por 180 días de todos los específicos que contengan ese principio activo.

Se trata principalmente de garrapaticidas y algunos para combatir la mosca de los cuernos. En ese lapso, las empresas deberán presentar nuevos datos sobre residuos en carne y otros productos, para que el MGAP los analice y si los aprueba, reincorpore ese medicamento al Registro Nacional de zoterápicos, cuya habilitación tiene una validez de 10 años.



El titular de la Dirección de Laboratorio Veterinario "Miguel C. Rubino", Álvaro Núñez, dijo a El País que las empresas están muy comprometidas con la apertura de mercados y con el estatus sanitario del Uruguay, por lo que están colaborando mucho con el MGAP. La Dilave es la dependencia del MGAP que se encarga del monitoreo, análisis, aprobación y registro de los específicos veterinarios que se utilizan en el mercado uruguayo.

Núñez reconoció que la producción de nuevos datos sobre los específicos que contienen Ethion como principio activo "llevan tiempo", pero aseguró que "todas las empresas tienen la capacidad y la experiencia para generar esos estudios".

Según supo El País los volúmenes a retirar del mercado uruguayo no serían muy grandes, aunque para algunas empresas, los garrapaticidas y mosquicidas a base de Ethion son su producto principal en cuanto a ventas.

Tras el rechazo de los seis contenedores, uno del Tacuarembó Marfrig y los otros exportados por la planta de PUL, perteneciente al grupo Minerva Foods, presuntamente por el mal uso de los garrapaticidas y mosquicidas con Ethion, el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca busca concientizar a los productores a que respeten los tiempos de espera para evitar que queden en carne y lácteos y se afecte los mercados que los compran. Afortunadamente, en el caso de Estados Unidos, el mercado siguió abierto y recibiendo carne vacuna uruguaya, no corriéndose riesgo de un cierre.

Incluso, en su momento, el ministro Tabaré Aguerre aseguró que la devolución de los contenedores "no implica riesgo de perder ese mercado, pues no es algo repetitivo ni hubo problemas de intoxicación". Asimismo, explicó que este hecho preocupa, pero está entre el porcentaje de error previsto.

El Codex Alimentarius, la herramienta creada por el organismo de Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación (FAO) y la Organización Mundial de la Salud (OMS) para proteger la salud de los consumidores, no fijó el límite máximo de residuos de Ethion en tejidos de especies animales y a su vez, Estados Unidos viene aplicando controles mucho más sensibles, por lo que el envío de carne procedentes de animales tratados pero sin respetar los tiempos de espera del producto, genera serios dolores de cabeza.

A partir del problema, el MGAP tiene permitido el tránsito hacia faena de ganados con presencia de garrapata sin la interdicción del predio remitente —como sucedía antes y desde 2008— pero bajo estricta vigilancia de los veterinarios oficiales y los del sector privado.

### **Exportaciones de carne a EEUU tienden a normalizarse, se mantiene expectativa de que se aceleren la semana próxima**

19 de abril de 2016 Fuentes industriales y brokers que comercializan hacia EEUU comentaron que "las ventas se van normalizando" y la expectativa se pone en que la semana que viene se afiance la corriente comercial hacia EEUU. En los últimos días comenzaron a cerrarse algunos negocios, pero ellos habían sido presentados sobre fines de marzo.

Pero en lo que va de este mes no se han realizado exportaciones realmente. Las solicitudes de exportación presentadas entre el 1º y el 16 de abril totalizan 1.433 toneladas por US\$ 8,633 millones. Por ahora no se han concretado los embarques.

Según los datos de Aduanas, dentro de la carne deshuesada enviada hacia EEUU durante marzo, la baja en las ventas fue muy fuerte tanto en enfriada como en congelada. Los embarques de carne enfriada cayeron 75% respecto al mismo mes de 2015 hasta las 61 toneladas en marzo. Mientras que en congelada —mayoritaria— la baja fue de 64% y los envíos totalizaron 1.674 toneladas.

Según destacó un broker consultado, el Etió no generó ningún impacto sobre los precios de los productos enviados. Solamente trancó la entrada de la carne uruguaya. "Hoy el comercio está fluido, casi normal", dijo.

¿Cómo ha sido la evolución de precios?

El mercado ha determinado distintos movimientos de precio según el tipo de carne enviada. El destaque lo llevaron los valores de exportación de la carne enfriada, que resisten a la baja que se cierne sobre el negocio de la carne afuera del país en distintos mercados, y acumularon cuatro meses seguidos arriba de los promedios mensuales del año anterior. Entre enero y marzo la tonelada de carne enfriada generó un ingreso medio superior a los US\$ 12.000 en niveles entre 17% y 20% mayores en las comparaciones interanuales.

En congelada los valores sí ajustaron a la baja. Después de bajar 13% en febrero hasta US\$ 5.357, en marzo se ubicaron 2% abajo del mismo mes de 2015 con US\$ 5.168. Pero dentro de estos productos, el ingreso medio generado por las "trimmings" o recortes triplicaron la baja promedio general. En marzo se embarcaron hacia EEUU 291 toneladas congeladas, 67% menos que un año antes, por US\$ 3.829/ton, 32% menos.



## PARAGUAY

### Paraguay gestiona ampliación de cupo Hilton a Europa

Paraguay gestiona un aumento de su participación en la cuota Hilton a Europa. La gestión la está llevando adelante el embajador paraguayo en Alemania, Fernando Ojeda.

“Como la cuota Hilton permite a Paraguay exportar anualmente hasta 1.000 toneladas de rubro cárnico a Europa, y Alemania es el puntal político y económico del Viejo Continente, queremos que su Gobierno nos ayude a colocar más cantidad en ese destino, ya que la Cámara Paraguaya de la Carne (CPC) está en condiciones de elevar la exportación hasta a 4.000 toneladas”, señaló el diplomático durante una visita a Paraguay junto a una delegación empresarial europea, consigna el diario Última Hora.

En base a una mejora en el posicionamiento que ha alcanzado la carne paraguaya en el mercado internacional, el país solicitará a la Comunidad Europea la consideración de que se incrementen los envíos.

Ojeda recordó que Uruguay coloca 6.000 toneladas de carne y Argentina 29.000 toneladas, “con lo que Paraguay debe hacer las gestiones para ganar mercados en países europeos”.

En tanto, el Departamento de Agricultura de los Estados Unidos (USDA) recortó en 7,3% sus proyecciones de exportación de carne bovina paraguaya en el 2016 y la situó en unas 380 mil toneladas (peso carcasa), unas 30 mil toneladas menos proyectadas en el informe semestral anterior, en octubre del 2015, estimada en 410 mil toneladas, informó La Nación de Paraguay.

La sexta ubicación en el ranking de mayores exportadores de carne será ocupada por Canadá, país al cual el USDA incrementó 45 mil toneladas (peso carcasa) su proyección de exportación de carne para el 2016.

Presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Korní Pauls, explicó a La Nación que hay menor volumen de materia prima para las industrias frigoríficas por la disminución del stock vacuno nacional. Desde el 2014 se tienen unas 300.000 cabezas de bovinos menos en el país, informó el empresario.

### La falta de ganado para sacrificio puede afectar a la producción cárnica paraguaya

Fuente: Eurocarne Digital, 20/04/2016 El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Korní Pauls, ha asegurado que el país está pasando por una reducción del ganado listo para sacrificio que cifró en 300.000 cabezas desde el año 2014, recoge el diario paraguayo La Nación.

Esta reducción se debería fundamentalmente a las condiciones climáticas que afectaron a la cría del ganado en importantes regiones como Misiones y Bajo Chaco y provocaron una reducción del 10% en el volumen de sacrificios durante 2015, aseguró Pauls.

De cara a 2016 esta situación va a afectar claramente a las exportaciones cárnicas del país sudamericano por lo que será difícil alcanzar los niveles de 2015. Así lo ha expresado el USDA en sus previsiones mundiales de comercio de carne de vacuno que apuntan a que Paraguay alcanzará en 2016 las 380.000 t.

## UNIÓN EUROPEA

### CHINA podría importar carnes bovinas a partir de este año. Auditoría en IRLANDA

□ Mon, Apr 18, 2016, 16:06 Agriculture commissioner Phil Hogan says Chinese vets are auditing Ireland and five other countries

China banned EU beef imports over mad cow disease, or BSE, 16 years ago, but last year it was announced that the ban was being lifted for Irish beef.

EU agriculture commissioner Phil Hogan said Ireland is one of six European countries where Chinese veterinary inspectors are performing an audit this week, and he is hopeful that beef trade with China will resume before the end of the year.

“I would be hopeful that our discussions today and the visits by the audit teams this week to various establishments in the European Union this week will yield positive results this year,” Mr Hogan said at a European food promotion event in the Chinese capital, part of a tour of China and Japan.

China banned EU beef imports over mad cow disease, or BSE, 16 years ago, but last year it was announced that the ban was being lifted for Irish beef.

“We have six countries where we are hopeful that in the course of this year they will be able to reopen the trade notwithstanding the fact that there is a considerable period time since the ban was brought into effect,” said Mr Hogan.





The six countries are Ireland, France, the Netherlands, Britain, Belgium and Italy. A shipment of beef from Hungary arrived in Shanghai in January, after China reached a frozen beef import deal with Budapest in 2014.

Importer

China was the second largest importer of EU agricultural and processed agricultural products in 2015, receiving eight per cent of all EU agricultural exports. The main EU agricultural exports to China include infant food, pork, offal, wines and spirits, and dairy products.

Hogan said the EU had implemented major changes in the European Union major changes in regards to traceability of the bloc's

"We reassure all customers around the world, including China, where there is a high sensitivity in relation to food safety, that we have high quality products where we have controls that we can stand over," he said.

Beef is not a big part of the Chinese diet, but it is a major niche, and in a market of 1.3 billion people, that translates into huge demand for Irish red meat, especially as newly rich consumers experiment with different diets.

"We offer those particular products based on those controls to the consumer markets of China as a very positive engagement, and this includes a product like beef," he said.

Earlier this month, Minister for Agriculture Simon Coveney told the Cabinet his department had been contacted by the Chinese government expressing concern about a vote at the United Nations Human Rights Council censuring China over its human rights record.

Mr Hogan said that the focus had not been on human rights at the meeting.

The issue did not appear to be playing a part in the lifting of the ban.

"Beef was mentioned but human rights wasn't," he said.

EU sources said that China was "flying a kite" by linking human rights to the beef ban.

### **Delegación comunitaria visita China y Japón para promover el comercio**

TheCattleSite News Desk - 18 April 2016 EU - Phil Hogan, the EU's Commissioner for Agriculture and Rural Development, is visiting China and Japan in the coming days accompanied by a business delegation of more than 60 senior European agri-food executives representing key sectors in the EU trade with the two countries.

As well as supporting a number of promotion events in Shanghai, Beijing and Tokyo to help facilitate agri-food trade, the Commissioner will meet with the respective Ministers and national authorities in order to address common interests relating to agriculture and ongoing bilateral issues.

With China, discussions are likely to cover Geographical Indications, research and innovation, rural development and organic farming, and, with Japan, the state of play of the FTA negotiations.

A number of sanitary and phytosanitary issues and other impediments to smooth trade flows will also be raised.

The visit to Japan will end with the G7 meeting of Agriculture Ministers in Niigata. The trip comes following the entry into force of new EU promotion rules for EU agricultural products, which provide an increased budget for promotion and a simpler application system.

It also follows on from his visit to Columbia and Mexico earlier in the year, with a further journey to Viet Nam and Indonesia planned in the second half of the year.

"China and Japan are particularly important markets for the EU agri-food sector which have shown considerable growth in recent years.

"I hope that these promotion events will highlight the quality, traditions, and added value of our products, as well as our food safety and traceability guarantees, and stimulate further interest from Chinese and Japanese consumers in European food and drink," said the Commissioner ahead of his journey.

"I look forward to building on our existing trade flows and showing that Europe is open to business, in particular for agri-food products.

"This will also be an occasion to take stock of the excellent cooperation in agriculture with China and Japan. My hope is that I can also make some progress on a number of hindrances to current trade." Subsequent to Commissioner Hogan's visit to Mexico, the Mexican authorities have re-opened their market for imports of pigmeat products from a number of Member States.

The Commissioner's programme foresees meetings with China's and Japan's Ministers in charge of agriculture, sanitary and phytosanitary regulations, as well as trade. He will also be launching a "European restaurant week" programme in Shanghai, Beijing and Tokyo, opening B2B meetings, and visiting a number of retailers/markets, as well as and field trips to local producers. Arriving in Shanghai (April 16-17), he will move on to Beijing (April 17-19) and thence to Tokyo (April 20-22), before travelling on to Niigata for the G-7 meeting (April 23-25).

In addition to the Commissioner's programme, the representatives in the business delegation will participate in seminars on the local markets, as well as presenting European products.



## **ESTADOS UNIDOS**

### **Existencias ganaderas crecerían respecto del año pasado**

22 April 2016 US - The April Cattle on Feed report will be published on Friday by USDA-NASS, write Steve Meyer and Len Steiner.

Industry analyst pre-report estimates show a strong consensus that marketings, placements, and inventory will be above year ago numbers.

See the table below for the range and average pre-report industry estimates. March of 2016 had one extra slaughter day than March of 2015, this accounts for about a 5 per cent increase in marketings year-over-year.

Based on the average estimated marketings, this means on a daily rate (adjusting for the extra slaughter day) March this year marketed about 1 per cent to 2 per cent more cattle than 2015.

This is still good news for the industry as it continues to help move feedlots towards being more current.

On the placement side, the main assessment is “up” and the average of pre-report estimates shows up about 7 per cent year-over-year.

Generally, March is not a large placement month, i.e. placements could be up 3 per cent or 11 per cent and it does not impact the cattle on feed inventory number very much (holding marketings constant).

Other factors influencing this placement estimate are: reduced feeder cattle imports year-over-year, feeder animals still on wheat pasture, an extra slaughter day this year, and continued feeding losses.

For March, feeder cattle imports from Mexico and Canada were down about 20 per cent total (down 37,000 head) year-over-year. For more discussion on feeder cattle imports see yesterday’s DLR.

Those 37,000 head difference in feeder cattle imports accounted for about 2 per cent of March 2015’s placements.

With a growing supply of feeder animals available out in the country, and lower prices year-over-year, there were plenty of US animal to compensate for the lack of feeder imports.

Conversely, anecdotal reports have said more feeder cattle are still out on wheat pasture right now.

This could be a shift of animals out of the burned areas in Kansas and Oklahoma to available pasture. Or, the impact of some untimely frost that damaged wheat fields which could have motivated producers to graze out wheat instead of remove cattle in time to still have a grain crop.

If there are more animals on wheat pasture, this would argue in favour of the lower end of the placement estimate range. Overall, watch for continued or emerging trends within the placement data.

We think this will include continuing to see more heavy animals placed generally, but also more light animals placed than we saw last year.

Additionally, the number of cattle on feed over 120 days will be a key number to watch and will provide more information regarding the distribution of fat cattle supplies for the coming months.

April 1 cattle on feed inventory is expected to be up between 0.1 per cent and 1.5 per cent year-over-year. That is not a huge year-over-year increase.

Moving on to a quick recap of the cattle markets this week, futures were limit down Monday on both live and feeder cattle.

A fundamental reason for this could be disappointment in cash trades last Friday, on a week of strength in the cutout value. However, boxes lost almost \$2.50 per cwt. by Tuesday afternoon this week compared to last Friday.

The USDA-AMS daily slaughter cattle price report showed some limited cash fed cattle trades at \$125 per cwt. live on Tuesday afternoon.

Some of the downward movement in the futures contracts could be more technically based, but these declining cash prices came as a surprise in a market that should still be seasonally strong.

This could indicate some oversupply issues, we will see what the COF report says in that regard, on Friday.

## **AUSTRALIA**

### **Australia ha exportado 17% menos de carne vacuna a marzo de 2016**

20 de abril de 2016 Los embarques hacia el exterior mantendrán un rezago similar sobre fin de año respecto a los volúmenes de 2015, según la última actualización que hizo Meat and Livestock Australia (MLA) de sus proyecciones 2016. Se prevé que las exportaciones totalicen 1,055 millones de toneladas peso embarque, 18% menos que un año atrás.

En el primer trimestre del año se enviaron 245.800 toneladas, 17% menos que en el mismo período de 2015. Los dos principales mercados de la carne australiana redujeron fuerte las compras en el primer trimestre, sobre todo Estados Unidos.



EEUU, el principal, importó 69.600 toneladas, 34% menos en la comparación interanual. Japón, el segundo más importante, recibió 53.400 toneladas (-21%). Pero Corea del Sur las incrementó 20% hasta 41.100 toneladas.

Son dos los factores que perjudican a la carne australiana en los mercados internacionales. Por un lado, la tendencia creciente en las exportaciones de EEUU que, como informamos en Conexión Agropecuaria, llevará a que este año las colocaciones en el exterior totalicen 1,11 millones de toneladas, 8% más que el año pasado. Eso fortalecerá la competencia de los productos de EEUU en mercados centrales para Australia como Corea y Japón.

El otro elemento negativo es la baja esperada para las importaciones estadounidenses. En 2016 sus volúmenes adquiridos caerían 14% de acuerdo al reporte Livestock, Dairy and Poultry Outlook publicado este lunes. “En caso de que estos pronósticos efectivamente ocurran, significará que la carne bovina australiana previamente destinada hacia EEUU podría ser redirigida hacia otros mercados y a precios menores a los del año pasado”, indicó MLA.

También se prevén menores exportaciones de ganado en pie para Australia. Este año los embarques totalizarán un millón de cabezas, 25% menos que el año pasado.

Todo esto en un marco de caída de stock vacuno, que recién repuntará a partir del 2018, y menor faena. En 2016 las existencias bovinas bajarán 5,4% y caerán a 26,179 millones. En 2017 descenderán 1,1% más a 25,894 millones. En tanto, la faena de ganado adulto y terneros cerrará en 8,23 millones este año, 15% debajo de la 2015, y marcará un mínimo de cuatro años.

La caída en producción de carne se verá atenuada en parte con los mayores pesos de las carcasas que promediarán 286 kilos en categorías adultas (+3%) y 60 las de terneros (+7%). Este año Australia producirá 2,211 millones de toneladas, 13% menos, el menor volumen desde 2012.

#### **Fuerte aumento de los embarques de menudencias hacia INDONESIA**

19 April 2016 First quarter offal exports to Indonesia increased more than seven-fold year-on-year, to 3,050 tonnes swt, following the expansion of approved offal cuts.

In contrast, total first quarter beef offal exports declined 14% year-on-year, to 32,024 tonnes swt, underpinned by a similar magnitude reduction in cattle slaughter over the same period.

In particular, first quarter beef offal exports to:

Hong Kong were up 1% year-on-year, at 5,353 tonnes swt

Japan were back 20%, at 4,824 tonnes swt

South Africa were back 34%, at 3,067 tonnes swt

In December 2015, Indonesia expanded the list of approved imported products to include more offal items, such as tongue root meat and lips, in addition to a handful of secondary, prime and manufacturing beef cuts. With the shift in policy, first quarter offal export volumes were back in line with where they were at the beginning of 2014.

As highlighted in the latest edition of the monthly MLA co-product market report, offal prices were mostly firm to slightly softer in February and March. However, tongue root meat (halal), the primary item exported to Indonesia since the policy change, averaged \$1.90/kg in February, up 19% from the previous month and 27% year-on-year. Tongue root meat quotes were limited in March, due to Easter break disruptions, but prices appear to have continued to dearer trend.

#### **Indicadores de precios en baja: menor demanda de Estados Unidos y apreciación de la divisa inciden en el mercado**

21 April 2016 The national saleyard cattle indicators struggled to find much support again this week, with many producers fraught with the ongoing widespread dry conditions.

This, along with uncertainty in the US market and a stronger A\$ compared to where the year began, have compounded the market pressures throughout April in particular.

After a positive first quarter, the national trade steer indicator has dropped from 585¢/kg to 559¢/kg cwt in just three weeks, with significant declines recorded across most selling centres. The younger spectrum of the market had been well supported for the first three months of the year by competition from lot feeders and optimistic restockers, but as the winter months approach that optimism is wavering quickly.

At the heavier end of the market, the decline has been more gradual, with the A\$ and weaker US demand coming into play. In fact, at the close of Thursday's markets, the national heavy steer indicator made a slight recovery, averaging 512¢/kg cwt, up 4¢ from the previous week.

Similarly for the national medium cow indicator, waning market confidence accelerated in April, and the indicator is now at 414¢/kg cwt – almost 30¢ below where the year began.

It should be noted though, that despite coming under increasing pressure, all indicators are 31-115¢/kg cwt higher than the same time last year – when they were in the course of a phenomenal run.



Looking forward, the A\$ and lower US import demand is likely to continue challenging the Australian beef industry for the next few months. Cattle market support will become increasingly reliant a decent autumn break to further stymie the flow of cattle.

### **Proyección para 2016: baja en oferta ganadera y en exportaciones respecto del año pasado**

April 19, 2016, Beef producers can be “cautiously optimistic” about prices with the smallest herd in 20 years and a continuing decline in export tariffs.

But Meat & Livestock Australia market information service manager Ben Thomas sees a few “storm clouds on the horizon” including a significant lift in US beef production, and Brazil’s growing global footprint.

Australian beef prices had already softened in early 2016 due to larger US numbers.

Mr Thomas told producers at last week’s Future of Eating Quality Forum at Hahndorf that 2015 was an “astonishing year” with record prices defying another massive sell off- 10.5 million head-due to the widespread dry.

In the first quarter of 2015 eastern states slaughter was tracking at 180,000 head a week compared to normal levels around 140,000 and while this came back later in the year it was still well above the average . SA contributed to this jump with 470,000 head slaughtered compared to its long term average of 380,000 head.

MLA is forecasting a 17 percent year on year drop in slaughter in 2016 back in line with the 10 year average. In 2017 the herd could hit 25.7 million head- the lowest levels since 1994. Despite this drop production may only drop 10pc with heavier carcass weights.

“Whether you are a restocker, lot feeder, processor or live exporter there is a lot less cattle in the country than a few years ago to compete for, going a long way to supporting prices,” he said.

Free Trade Agreements signed with three of Australia’s four largest markets-Japan, Korea and China-in the past two years would add to the competitiveness of Australian beef. “Over the next 15 years that is going in theory to add another \$20b of value to the Australian beef industry by not having tariffs on our product.”

The Aussie dollar had gone against exporters in past two months but Mr Thomas said most banks were forecasting this to stabilise around US74c, well below the past few years.

On the flip side Brazil was regaining access to many of the markets it was banned from after an atypical case of Foot and Mouth Disease in 2012 and were working hard on their integrity systems. Their production is expected to grow 3 to 4 pc and exports lift 11pc year on year in 2016.

“Australia really needs to keep its point of difference and aim for the quality end of the market and foster the integrity systems we have in place – the areas we can beat Brazil and those lower cost competitors,” he said.

“But we need to be mindful they are hot on our heels improving that image sitting on the global round table for sustainable beef and doing a lot of research around reducing beef emissions.”

### **Promueven innovación tecnológica en la industria frigorífica**

20/04/16 - por Equipe BeefPoint O Meat and Livestock Australia (MLA) recebeu US\$ 4,8 milhões do governo australiano para desenvolver novas tecnologias de mensuração que os oficiais do MLA disseram que “transformará” a indústria de carnes.

O projeto conjunto, liderado pelo MLA, acelerará o desenvolvimento e a introdução de uma nova tecnologia, incluindo raio X e imagem digital em 3D para medir de forma precisa animais vivos e carcaças – preparando o terreno para um sistema de preços baseado em conhecer o rendimento e a qualidade ao consumo.

O projeto se apoia no programa de qualidade ao consumo do MLA, Meat Standards Australia, que busca fornecer produtos adequados às demandas dos consumidores. Pelo projeto, três tecnologias de mensuração serão desenvolvidas para uso na fazenda e no setor de processamento para objetivamente determinar a composição da carcaça e determinar de forma mais precisa a qualidade ao consumo.

Para os processadores, o uso de novas tecnologias para avaliar o rendimento da carne magra poderá permitir a avaliação precisa das carcaças, otimizando os cortes baseado em decisões de mercado e de desossa. A oferta de informações para a cadeia de valor e sua integração com as bases de dados genéticas deverão informar aos produtores sobre tomada de decisões e lucratividade.

## **VARIOS**

### **CHILE autoriza el ingreso de carne bovina colombiana tras seis años de gestiones**

Fuente: Carnetec.com, 18/04/2016 El Servicio Agrícola y Ganadero de Chile (SAG) autorizó el ingreso de carne bovina colombiana tras una visita de auditoría donde se evaluó siete mataderos tipo exportación, así como los estándares sanitarios de inspección oficial de carne en ese país.



La apertura del mencionado mercado se lleva a cabo después de seis años de trabajo interinstitucional, en cabeza del Instituto Nacional de Vigilancia de Medicamentos y Alimentos (Invima), acompañado por el Ministerio de Comercio, Industria y Turismo, el Instituto Colombiano Agropecuario (ICA) y el Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural. La autoridad chilena informó que habilitó las plantas de beneficio Frigocolanta, ubicada en Santa Rosa de Osos (Antioquia), y la de desposte de la Ganadería Manzanares, situada en Floridablanca (Santander).

El SAG también comunicó que las plantas de beneficio Red Cárnica en Ciénaga de Oro (Córdoba), y Frigorífico Riofrío en Floridablanca (Santander), también podrán ser aprobadas después de algunas mejoras que deberán ser verificadas por el Invima. La ministra de Comercio, Industria y Turismo, Cecilia Álvarez-Correa, aseguró que el cumplimiento de los estándares sanitarios de Chile representa un hito para el sector cárnico bovino del país que lo acerca a mercados de mayor exigencia como Estados Unidos.

“Las exportaciones de carne bovina colombiana a Chile podrían llegar a US\$10 millones en 2017 y a US\$27 millones en 2018”, afirmó. “Por tanto, nuestra industria está apostando a ser competitiva y a alcanzar los estándares de calidad que permitan entrar al país en referencia y a otros en todo el mundo, gracias al acompañamiento del Gobierno Nacional”.

El gerente del ICA, Luis Humberto Martínez Lacouture, manifestó que “Colombia consolida así su política sanitaria. Hoy nuestro país cuenta con un mercado para 2.587 productos agropecuarios en 83 y trabaja conjuntamente con otras entidades del gobierno para abrir el mercado agropecuario con otras 49 nacionales con la admisibilidad de 258 productos más”. La apertura de ventas externas de carne bovina al país austral fue una de las metas planteadas a 2016 dentro del Proyecto de Interés Nacional Estratégico (PINEs). Esto con el fin de lograr la proyección de vender en los mercados externos USD\$ 444,5 millones a 2018

#### **NUEVA ZELANDIA: devaluación no compensa la caída de los precios de las carnes bovinas**

TheCattleSite News Desk – 18 April 2016 - The first half of the 2015–16 meat export season ended on 31 March 2016 and analysis by Beef + Lamb New Zealand's Economic Service shows that red meat (including beef, veal, lamb and mutton) export revenue is down, despite increased shipments and some depreciation of the New Zealand dollar (NZD).

Beef: Strong sales to North Asia continue

Compared to the same period last season, New Zealand beef and veal shipments were down 3.7 per cent in the first six months of the 2015-16 season.

This was despite being up 15 per cent in the first three months. Chilled export volumes remained unchanged, with all the decrease due to lower frozen shipments.

The average value in NZD (New Zealand dollars) of chilled beef exports was up 11 per cent in the first half of the season, while frozen beef exports averaged 4.3 per cent less than the same period last season. It is important to note that these variations include the gains from a softer NZD.

When looking at the exports traded in USD (the most common currency in which New Zealand beef is exported), the average value expressed in USD was down 3.9 per cent for chilled New Zealand beef and 18 per cent for frozen.

This highlights that average values in NZD would have been down considerably more on the previous season, without the NZD depreciation. The volume of exports to North America – the largest destination for New Zealand beef and veal exports – was down 15 per cent in the first half of the season, with the majority of this decrease occurring over January to March 2016.

After a tremendous 55 per cent increase in shipments to North Asia in the first quarter of the season, exports continued to increase, but at a much lower rate in the second quarter (+5.5 per cent). Overall, in the first six months of the season, exports to North Asia were up 24 per cent on the same period last season.

The majority of this increase was to China and, to a lesser extent, Taiwan. Exports to Japan were down.

#### **CHINA aceptó abrir carnes frescas para NUEVA ZELANDIA.**

NZ Newswire on April 22, 2016, Key strikes chilled meat deal with China

The industry has been trying for years to get access and Prime Minister John Key says the breakthrough will be worth hundreds of millions of dollars.

He's visiting China and told reporters the first consignments could be on the way within a couple of months.

"This will be great, there's a lot of value in it and there's a lot of meat exporters," he said.

"It's a really important step for us."

Primary Industries Minister Nathan Guy, who is with Mr Key in China, says it's a great opportunity for meat exporters.

"We have very strong air links into this market, and that's very important," he said.



"It's now up to individual companies to make sure they've got their high-end distribution networks available so they can put premium chilled meat products into the white tablecloth restaurants in Shanghai, Beijing and other cities."

Earlier this week Mr Key was at the signing of another meat deal, when Alliance Group signed a commercial agreement with Beijing businessman Chen Xibin, the owner of a huge farming enterprise.

It will help Alliance send more sheepmeat and venison to China, and includes an agricultural services and training agreement.

### **INDIA ve gran potencial en las exportaciones hacia INDONESIA**

Jakarta, April 22 (IANS) Bovine meat can be one of the prominent sectors which could help diversify exports from India, benefiting the government and people of Indonesia, Indian Ambassador to Indonesia Nengcha Lhouvum said here.

The Embassy of India in Jakarta in association with the Agricultural and Processed Food Products Export Development Authority (APEDA) and the All India Meat and Livestock Exporters Association (AIMLEA), organised a 'Roadshow on Indian Bovine Meat' here on Thursday.

"The Ministry of Agriculture had deputed a country audit team to India in September 2015 to inspect abattoirs and research institutions, which confirmed that India has excellent mechanism of meat processing and quarantine control," said Muladno, Director General of Livestock and Animal Health.

India has more than 50 slaughter houses which are above international standards. Based on this, Indonesian President Joko Widodo had signed a decree allowing 'zone-based' meat imports in March 2016.

Muladno added the Indonesian government is making efforts to open its market for Indian bovine meat by the Ramadan period.

"India has been trying for market access for Indian bovine meat in Indonesia since 1999. With the recent decree signed by President of Indonesia allowing 'zone-based' meat imports, India is expected to get a significant share of the Indonesian meat market as the bovine meat will be very competitively priced," the Indian Embassy in Jakarta said in a statement.

The roadshow included a presentation projecting the strength of India as a consistent and quality supplier of bovine meat to Indonesia.

"India has a track record of 46 years in the export of de-boned and de-glanded frozen buffalo meat to 64 countries worldwide. 100 percent of the meat exported from India is prepared strictly in compliance with Islamic requirements and is genuinely Halal," the statement added.

### **Experta en nutrición: No se discute: comer carne es bueno**

Abril 21, 2016 Fiona Carruthers, experta en nutrición, enfatizó que es un alimento positivo en cada etapa de la vida y derribó varios mitos

Comer carne es bueno para el ser humano, tenga la edad que tenga, enfatizó Fiona Carruthers –experta en nutrición, nacida en el Reino Unido, quien ha trabajado los últimos 15 años en Nueva Zelanda–, cuya charla en la 17a Conferencia Mundial Hereford se tituló, llamativamente, "Del embrión al cajón".

Carruthers, en un salón de conferencias colmado, ponderó las bondades de este alimento, expuso varios consejos y destruyó algunos mitos que establecen aportes negativos de la carne.

Comenzó señalando que en el período del embarazo es clave que la madre coma carne, teniendo en cuenta que el aporte del hierro que de ese modo obtiene es muy valioso. Puso como ejemplo que 120 gramos de carne y un kilo de espinaca aportan la misma cantidad de hierro, pero además el hierro que se ingiere con la carne es más sencillo de aprovecharlo.

Ya en la etapa del bebe, en sus primeros meses, los aportes por ejemplo de Omega 3 son muy trascendentes, sobre todo porque hay un rápido crecimiento corporal. En Australia y en Nueva Zelanda el 30% de la incorporación de Omega 3 en su población es a través de carnes vacunas y de ovinos, destacó. Pasando a la etapa de la edad preescolar, tras recomendar que la inclusión de la carne en la dieta se produzca incluso antes del primer año de vida, desde los seis meses, indicó que a esa edad los niños pueden incurrir en deficiencias nutricionales, porque empiezan los caprichos, desafían a sus padres a ver quién manda, también en la mesa, por lo cual darles carne es fundamental.

Cuando los niños crecen y ya están en la edad escolar, comentó, la carne por sus valores protéicos es muy recomendada cuando se está produciendo un rápido crecimiento del cuerpo. En esta etapa es muy importante incorporar los denominados aminoácidos esenciales, presentes en la carne. Dijo que eso puede encontrarse en algunos vegetales, como las lentejas, pero no en forma completa, por lo tanto hay que combinar las lentejas con arroz en una dieta balanceada, mientras que en la carne está todo.

En ese instante de su charla, que fue seguida muy atentamente por el público, emitió un corto publicitario neocelandés en la que varios niños respondían qué querían ser cuando fuesen grandes. Uno, por ejemplo, quería ser piloto de helicópteros. Pero otro, al final del corto, respondió al final que cuando fuese grande quería ser... grande. Y el mensaje, de inmediato, era que para lograrlo era fundamental comer



carne. Carruthers consideró luego la etapa de la adolescencia. En ese momento de gran ajetreo, remarcó, cuando se produce el estirón, cuando sucede la pubertad, hay cambios bruscos y se alteran las dietas a veces para intentar adelgazar, por ejemplo, disminuyendo la ingesta de alimentos ricos en hierro. En ese escenario comer carne es también muy positivo. Comentó que justo estamos en el mundo en "la semana del hierro", y destacó que el hierro que la carne aporte es de alto valor por ejemplo cuando llega la etapa de la menstruación en las jóvenes, haciendo un llamado a concientizarlas sobre tener esto en cuenta.

Cuando llega la edad adulta, destacó, hay cambios de necesidades y por ejemplo el zinc, presente en la carne, es muy útil para una actividad reproductiva adecuada, pero también lo es llegados los años 40 y 50 el selenio, un potente antioxidante que contribuye a un buen combate de las enfermedades degenerativas. En los adultos mayores, dijo, cuando lo clave es mantener una buena salud y la calidad de vida, en un instante de menor absorción de nutrientes, la vitamina B12 presente en las carnes es un aporte excelente, que se consigue en muy buenos niveles con la ingesta de menudencias, por ejemplo hígado y riñón.

Finalmente, Carruthers citó otras reflexiones útiles para los lectores, por ejemplo que es mejor obtener los aportes señalados en alimentos naturales, como la carne, que mediante suplementos.

Ya en el cierre de su oratoria, enfatizó que la carne Hereford constituye un aporte esencial en una dieta balanceada constituyendo un potente alimento que proporciona la naturaleza.

Ni produce cáncer ni se adelgaza sin la carne

Fiona Carruthers, durante su charla, dedicó varios minutos a derribar algunos mitos.

Sobre si se come mucha carne roja, dijo que no es verdad y citó un concepto de una doctora británica que dice que lo mejor es un poco de todo y no demasiado de nada.

Luego, categóricamente, indicó que la carne no produce cáncer. Cuestionó los titulares de prensa que repiten que sí y que la gente de tanto leerlo y escucharlo lo termina creyendo, sin que haya evidencia científica al respecto. Dijo que es como afirmar que por usar pollera una mujer puede tener cáncer de mamas. Por eso instó a los nutricionistas a basarse en una ciencia robusta para que se incremente la credibilidad.

Otro mito que consideró es el que sostiene que no comer carnes rojas ayuda a adelgazar. Dijo que, por el contrario, se demostró que genera una sensación de saciedad por mayor tiempo.

Sobre el alto contenido graso en las carnes, dijo que la mayor parte de grasa en la carne el consumidor la puede quitar y no comerla, algo que no pasa con tortas y galletitas.

Ese tramo de su exposición lo cerró citando un pensamiento de William Shakespeare: "no existe nada bueno ni malo; es el pensamiento humano el que lo hace aparecer así".

## **EMPRESARIAS**

### **BRF finalizó la compra de empresa argentina Campo Austral**

18/04/16 - por Equipe BeefPoint A BRF informou, nesta sexta-feira (15/4), ter concluído a aquisição da argentina Campo Austral. O negócio marca a entrada da multinacional brasileira no mercado de carne suína da Argentina. De acordo com o comunicado oficial, a empresa passa a ser a segunda maior do país neste segmento.

O negócio envolve duas fábricas e marcas que, segundo o comunicado, são reconhecidas no mercado argentino. Reforça também a presença da companhia brasileira na Argentina, onde já opera outras seis plantas industriais.

### **AUSTRALIA: capitales chinos compran por US\$ 288 millones la mayor criadora de ganado bovino del país. Transacción debe ser sometida a aprobación**

Fonte: Dow Jones Newswires, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/04/16 - por Equipe BeefPoint A maior criadora de gado na Austrália, a centenária exportadora de carne S. Kidman, aceitou uma oferta de compra de US\$ 288 milhões feita por um consórcio entre chineses e australianos. O conselho da empresa, que tem terras mais extensas do que a área da Irlanda, concordou com os termos apresentados pelas holdings Dakang Australia, com sede na China e controlada pelo Shanghai Pengxin Group, e Australian Rural Capital.

O acordo ainda precisa ser aprovado pelo Conselho de Revisão sobre Investimentos Estrangeiros e pelo Tesouro australiano, que podem vetar o negócio.

A Shaghai Pengxin é uma companhia privada chinesa de propriedade do bilionário Zhaobai Jiang, que iniciou suas atividades e investimentos agrícolas em 2012, quando adquiriu 16 fazendas de laticínios na Nova Zelândia. O presidente da empresa, Terry Lee, afirmou que pretende trabalhar com os profissionais locais, aproveitando seu conhecimento e expertise.



## **NUEVA ZELANDIA: firman acuerdo comercial que potenciaría ventas de carnes bovinas de Alliance Group en CHINA**

Prime Minister John Key and Primary Industries Minister Nathan Guy witness the signing of a major commercial agreement to boost NZ's Alliance Group's meat exports into China, signed by Alliance chief executive David Surveyor and Grand Farms owner Chen Xibin.

A multimillion dollar deal with a farming corporation in China will see New Zealand's Alliance Group become one of the largest exporters of meat in that market.

The "grand alliance" between Alliance Group and Beijing Businessman Chen Xibin, who owns Grand Farms, will help to boost large volumes of valued-added sheep meat and venison products into the Chinese market

The deal was signed at an event in Beijing, where Prime Minister John Key is leading a 40-strong trade delegation.

Alliance chief executive David Surveyor said it shifted the relationship from a transactional one, to a value-added one, which included services and expertise training.

But the deal is around the export of frozen meat only. Restrictions on chilled meats meant New Zealand could not export chilled meat to China, although Australia delivered its first shipment of chilled meat this year, under their FTA.

Surveyor said he believed chilled meat exports were inevitable, but could be some time away.

"These are matters for Government obviously to work through, but there's a great usefulness to New Zealand and to Chinese consumers to see chilled happen."

Alliance Group is a co-operative owned by 5,000 farmer shareholders, headquartered in Invercargill, with eight plants across the country.

It's New Zealand's largest sheepmeat processor, and it's second largest meat exporter.

Its in-market partner in China is Grand Farms, China's single largest importer of sheepmeat. The company processes 70 per cent of the lamb supplied by Alliance Group into lamb rolls, kebabs and finished retail ready products.

Volumes of exports to China have already increased by 35 per cent over the past five years.

Alliance general manager marketing Murray Brown said the agreement was built on a 17-year relationship already established with Grand Farms.

"We're looking at more value in terms of retail packs of lamb and retail packs eventually of venison and beef under the Pure South brand to go to retail.

"But basically [Chen] wants to be the largest importer of sheep meat, to support his investment in processing facilities in the market.

"Largely through us, and it will reach a level at some stage where we won't be able to service it so then the next stage after that, which is a discussion we're yet to have, is do we source it on their behalf," said Brown.

Surveyor said Alliance used to be a much larger company than Grand Farm, but the rapid growth of Grand Farm was a testament to the scale of the Chinese market.

"There is some prospect that at some moment in time, we won't be able to meet all of their needs, and so I think that creates that opportunity for us to perhaps be able to work with some of the other players in the New Zealand industry."

Grand Farm owns 96 meat shops, operates 260 branded meat counters in selected supermarkets and supplies to over 1000 supermarkets in China.

Surveyor would not comment on the value of the deal, but said Alliance put about 20 per cent of its total volume into China.

"We're about \$1.5 billion in turnover, and by far the majority of that is through Grand Farm."